vinetur

Produção europeia de vinho deverá cair 4% em 2026, estima a Copa-Cogeca

A produção prevista de 133,6 milhões de hectolitros ficaria 8% abaixo da média dos últimos cinco anos, enquanto o consumo mundial atingiria o nível mais baixo em 30 anos

segunda-feira, 16 de novembro de 2026



A produção europeia de vinho deverá voltar a cair em 2026, enquanto os viticultores enfrentam mais um ano de calor, seca e fraca procura, segundo novas estimativas apresentadas pela Copa-Cogeca na segunda-feira, 16 de novembro.

A organização de representação do setor agrícola, que representa associações e cooperativas agrícolas em toda a União Europeia, afirmou que a produção de vinho e mosto na campanha de comercialização de 2026/27 deverá atingir 133,6 milhões de hectolitros. O valor ficaria 4% abaixo da colheita de 2025 e 8% abaixo da média das cinco últimas campanhas de comercialização.

Os números apontam para aquilo que a Copa-Cogeca descreveu como uma continuação da descida gradual da produção europeia de vinho, impulsionada por uma maior variabilidade climática e por profundas mudanças no mercado. Ao mesmo tempo, os produtores enfrentam uma quebra do consumo, uma redução dos volumes comercializados e pressão sobre os preços, sobretudo nos vinhos tintos e rosés.

Itália, Espanha e França deverão continuar a ser os principais produtores do bloco, representando, em conjunto, 82% da produção de vinho e mosto da UE. As respetivas quotas estão estimadas em 30% para Itália, 27% para Espanha e 25% para França.

Itália deverá manter-se como o maior produtor mundial de vinho, com uma produção prevista de 41,1 milhões de hectolitros. O valor representaria uma descida de 7,6% face à colheita anterior e ficaria 10% abaixo da média dos últimos cinco anos. A Copa-Cogeca afirmou que as regiões do sul de Itália foram as mais afetadas pela seca e pelas ondas de calor, com quebras mais acentuadas do que nas zonas centrais e setentrionais. A Sicília e Abruzzo estiveram entre as regiões que registaram as maiores quedas.

A produção francesa está estimada em 33,8 milhões de hectolitros, menos 2% do que na colheita anterior e 15% abaixo da média das cinco últimas campanhas. A Copa-Cogeca afirmou que a seca persistente, o stress térmico e a redução da área de vinha continuam a pesar sobre a produção. Assinalou também grandes diferenças regionais: algumas zonas vitivinícolas sofreram perdas acentuadas, enquanto outras beneficiaram das chuvas do fim do verão e obtiveram rendimentos satisfatórios. França está também a prosseguir um amplo programa de arranque de vinhas, com 20 000 hectares previstos para arrancar em 2026, depois de já terem sido removidos 40 000 hectares desde 2024.

Espanha é um dos poucos grandes produtores cuja produção deverá aumentar. A produção espanhola de 2026 está estimada em 34,5 milhões de hectolitros, mais 3% do que na campanha de 2025/26. A Copa-Cogeca afirmou que as temperaturas elevadas provocaram stress hídrico e reduziram o peso das bagas, mas prevê-se que a qualidade das uvas continue a ser elevada. Ainda assim, a quebra da procura interna e as exportações fracas estão a pesar sobre o mercado. O consumo aparente de vinho

em Espanha caiu 8% em termos homólogos, afirmou a organização, e os preços mais baixos, sobretudo dos vinhos tintos, estão a prejudicar a rentabilidade de muitas explorações vitícolas.

Entre os outros produtores, a colheita da Alemanha está estimada em cerca de 7 milhões de hectolitros, menos 3,3% do que em 2025. A Copa-Cogeca afirmou que o consumo de vinho na Alemanha caiu 10% tanto em volume como em valor no terceiro trimestre de 2026. A produção de Portugal está estimada em cerca de 6,6 milhões de hectolitros, mais 12%, enquanto a Roménia deverá registar um dos maiores aumentos, com 4,5 milhões de hectolitros, mais 32% do que na colheita de 2025.

Para além da produção, a Copa-Cogeca afirmou que as tendências da procura se estão a tornar um problema central para o setor. O consumo mundial de vinho está estimado em 221 milhões de hectolitros, o nível mais baixo em mais de 30 anos. A organização afirmou que o consumo de vinho aumentou durante grande parte do período entre 1996 e 2007, manteve-se depois relativamente estável até 2017 e entrou, em seguida, numa descida prolongada, que se acentuou após 2022 tanto na UE como nos principais mercados fora do bloco.

Em 2000, a UE representava quase 60% do consumo mundial de vinho, segundo a Copa-Cogeca. Essa quota é agora de cerca de 48%. A organização afirmou que a quebra da procura tem efeitos diretos em toda a cadeia de abastecimento, reduzindo os volumes vendidos e pressionando os preços em baixa. Os vinhos de gama mais básica estão entre os mais afetados. Embora continuem a surgir oportunidades em mercados mais recentes, a Copa-Cogeca afirmou que o crescimento nesses mercados não tem sido suficiente para compensar a menor procura nos países que tradicionalmente mais consomem vinho.

Os dados comerciais apresentados pela organização revelaram a mesma pressão. Nos 12 meses entre setembro de 2025 e agosto de 2026, as exportações de vinho da UE para países terceiros atingiram 15,4 mil milhões de euros, menos 6,8% em valor. Os volumes exportados caíram 3,3%, para 27,5 milhões de hectolitros.

A maioria das categorias de vinho registou uma descida. As exportações de vinhos com denominação de origem protegida caíram 7,6%, as de vinhos varietais recuaram 6,7% e as de vinhos com indicação geográfica protegida diminuíram 4,9%. Os vinhos sem indicação geográfica mantiveram-se, em geral, estáveis. O vinho a granel e o vinho em bag-in-box foram os únicos segmentos a crescer, com aumentos de 5% e 3,4%, respetivamente. As exportações de vinhos engarrafados caíram 7,5%, enquanto as de espumantes recuaram 6,2%.

Entre os principais destinos, os envios para os Estados Unidos caíram 15,3%. As exportações para o Canadá recuaram 11%, as destinadas à Suíça diminuíram 9,2% e as para o Reino Unido baixaram 3,9%. A Rússia e Hong Kong estiveram entre os poucos mercados a registar crescimento, com aumentos de 17,5% e 10,9%, respetivamente. O comércio intracomunitário também enfraqueceu, com uma descida de 9,8% em valor e de 13,4% em volume, apesar da subida contínua do valor médio por unidade.

Luca Rigotti, presidente do grupo de trabalho sobre o vinho da Copa-Cogeca, afirmou que os números refletem um setor pressionado em várias frentes ao mesmo tempo. Segundo afirmou, os produtores europeus de vinho enfrentam condições meteorológicas cada vez mais imprevisíveis, custos de produção mais elevados associados a conflitos e tensões geopolíticas, uma quebra estrutural do consumo de vinho e novas barreiras comerciais e de acesso aos mercados.

Rigotti afirmou que o setor demonstrou resiliência e capacidade de adaptação, mas defendeu que os produtores precisarão de instrumentos eficazes de gestão do mercado e de apoio suficiente para se adaptarem às mudanças das condições climáticas e comerciais. Disse também que o setor deve continuar a investir na inovação, na sustentabilidade e na qualidade, diversificando a oferta, procurando novos mercados e restabelecendo os laços com os consumidores, em especial com as gerações mais jovens.

Os representantes presentes na reunião também debateram o futuro da Política Agrícola Comum da UE e as medidas de apoio específicas para o setor. Segundo os participantes da Legacoop Agroalimentare, de Itália, as conversações abrangeram a dimensão do orçamento para o vinho, as regras de cofinanciamento, os critérios de elegibilidade para as medidas de apoio e o desenvolvimento de vinhos naturalmente

com baixo teor alcoólico.